



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



SANTA FELICIDADE:

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ITALIANA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Bruno Ercole¹

Resumo: A presente proposta tem por objetivo abordar o tema da construção da identidade italiana no Brasil contemporâneo, partindo do estudo acerca de uma antiga colônia de imigrantes italianos - e, mais especificamente, vênetsos -, Santa Felicidade, atual bairro de Curitiba. A colônia, fundada em 1878 por imigrantes provenientes do norte da Itália, integrou o chamado cinturão verde, que localizava-se ao redor da capital paranaense e era responsável por abastecer a cidade de produtos agrícolas. Passados mais de cento e quarenta anos da criação do núcleo colonial, observa-se que se constituiu - presente já nas primeiras décadas do século XX - uma tradição laudatória que exalta estes imigrantes e seus descendentes, contida em diversos meios, como livros comemorativos, monumentos construídos pelo poder público e notícias publicadas nos jornais paranaenses - espalhados por diferentes décadas. Desta forma, pretende-se, nesta apresentação, entender o papel da memória registrada na constituição dessa identidade italiana no momento presente, procurando entender de que maneira as tradições transmitidas pelos imigrantes os seus descendentes influenciam no sentimento de identidade da antiga colônia que, no ano de 2018, comemorou seus cento e quarenta anos com a reafirmação de sua italianidade.

Palavras-chave: Imigração, italianos, identidade, Santa Felicidade.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de nossa pesquisa de mestrado financiada pela CAPES, que se encontra ainda em andamento, na qual procuramos entender a construção da identidade italiana no bairro de Santa Felicidade, em Curitiba. Para alcançar tal objetivo, exploramos os conceitos de memória e identidade, relacionando-os à região que compõe nosso objeto.

No ano de 2018, a antiga colônia de Santa Felicidade completou cento e quarenta anos de sua fundação. Os festejos realizados em novembro daquele ano contaram com

¹ Bacharel e licenciado em História pela UFPR – Universidade Federal do Paraná; Mestrando em História pela mesma instituição, na linha de pesquisa Intersubjetividade e Pluralidade: reflexão e sentimento na História. Contato: bruno.ercole.camargo@gmail.com.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



apresentações de música lírica e grupos folclóricos, venda de comidas típicas e missas – uma delas em formato campal e realizada no idioma vêneto, além da inauguração de um mural da imigração – que retrata vários pontos do bairro nos quais nos deteremos com maior destaque ao longo deste texto –, criado pelo artista Ferge e entregue à comunidade pela prefeitura. O evento foi realizado pela comissão Organizadora dos Festejos da Imigração Italiana 135/140 Anos, em parceria com o poder público – Prefeitura Municipal e administração regional de Santa Felicidade – e, também com a Associação Comercial e Industrial de Santa Felicidade (ACISF) (PREFEITURA MUNICIPAL, 2018).

A comemoração propagandeada em inúmeros veículos de comunicação, contudo, não se trata de uma novidade. Percebemos outro importante movimento de valorização desse passado e dessa identidade italiana em novembro do ano de 1978, quando da comemoração dos cem anos de fundação da colônia. De maneira similar ao que ocorreu em 2018, a comemoração do centenário envolveu missas, apresentação de grupo folclórico, shows de bandas, e contou também com procissões e Seção Solene da Câmara Municipal. Neste evento foi erguida outra obra em Santa Felicidade, o Monumento em Comemoração ao Centenário da Imigração Italiana, escultura em concreto de autoria de Elvo Benito Damo (BRAIDO, 1978), fruto de um concurso promovido pelo IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba – e pela Fundação Cultural de Curitiba. Nessa época, como importante centro turístico, o bairro recebeu também investimentos da prefeitura, como obras de urbanização e incentivos fiscais para a conservação da arquitetura tradicional (MARANHÃO, 2014, p.195).

Além destes dois momentos de comemoração, temos ainda mais um período no qual identificamos o interesse da prefeitura da capital paranaense em investir na imagem de Santa Felicidade como um bairro italiano, nos anos 1990 – marco dos trezentos anos da cidade de Curitiba. Data desta época, por exemplo, a criação do portal italiano, outra obra promovida pelo poder público, através de um concurso em conjunto ao Instituto de Arquitetos do Brasil IAB/PR. Para Maranhão, isso faz parte “de um novo projeto de cidade, inserido em um contexto de relações interétnicas e valorização da diversidade cultural local” (MARANHÃO, 2014, p. 197).

Percebemos, então, que nos três períodos citados – 1978, década de 1990 e 2018 – há uma valorização do bairro, fruto não só de uma organização da população local de descendentes, mas também por parte do poder público. Determinados símbolos são eleitos e



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



edificados, e estes ajudam a construir a imagem de um bairro italiano. Sendo assim, devemos analisar de maneira mais aprofundada estes elementos, assim como entender a sua origem – que está intimamente relacionada à história da própria colônia italiana, para que possamos relacioná-los, também, ao processo de criação e cristalização de uma identidade para os italianos de Santa Felicidade.

SANTA FELICIDADE: AS ORIGENS

Atualmente, Santa Felicidade é uma região administrativa de Curitiba, que envolve 16 bairros, dentre eles o de próprio nome – que fica a sete quilômetros do centro da cidade. Embora hoje a antiga colônia seja integrada à capital paranaense, no século XIX ela era uma das áreas que compunham o chamado cinturão verde, o conjunto de colônias formadas por imigrantes de origem europeia que abastecia a cidade com seus produtos agrícolas (MARANHÃO, 2014, p. 53).

Sem nos determos na discussão mais aprofundada acerca da história da imigração italiana para o Paraná – que não é, em suma, o foco do presente texto –, nos basta citar que, a partir de 1875, inicia-se oficialmente a imigração italiana para o Brasil (BALHANA, 1958, p. 28), embora esse número venha a aumentar substancialmente com a saída em massa de camponeses da Itália a partir da década de 1880 – fenômeno que ficou conhecido como a grande emigração (FRANZINA, 2006). A história de Santa Felicidade está ligada precisamente a este primeiro ciclo de imigração – e ela começa no litoral paranaense.

Saídas em sua imensa maioria da região do Vêneto, Norte da Itália, famílias de camponeses se instalaram na Colônia Alexandra – fundada em 1875 pela iniciativa privada de Sabino Tripotti em contrato com o Governo da Província do Paraná–, localizada na região de Morretes, próxima ao Porto de Paranaguá. Com o fracasso da colônia de Tripotti, devido, em parte, ao abandono ao qual os imigrantes foram deixados, o governo de Lamenha Lins rescinde o contrato e cria, no ano de 1877, a Colônia Nova Itália, em Morretes, à qual se transfere uma parcela dos colonos insatisfeitos – e, também, alguns grupos de recém-chegados. Entre os novos italianos dessa leva de imigrantes vindos ao Paraná, destacamos os passageiros do navio Sully², que aportou no Rio de Janeiro em dois de janeiro de 1878.

² O nome do navio é de grande importância para a memória de Santa Felicidade, uma vez que uma das mais famosas publicações relativas à história da colônia, o livro “O bairro que chegou num navio”, aponta os



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Dentre as colônias de destino de seus passageiros estava a Nova Itália, na qual várias famílias italianas deram entrada em cinco de janeiro do mesmo ano (BALHANA, 1958, pp. 29-31).

Contudo, graças às condições adversas presentes também na nova colônia litorânea – clima desfavorável às culturas com as quais os colonos tinham prática, presença de doenças como a malária, alguns grupos de imigrantes deixaram o litoral. Seguindo para o primeiro planalto do Paraná, o grupo teria se dividido, e parte dele – quatorze famílias logo seguidas por mais uma – viria a adquirir as terras próximas à Curitiba em novembro de 1878, dando início à Colônia de Santa Felicidade. Nos anos que se seguiram ao estabelecimento das primeiras famílias, os novos imigrantes, fossem eles provenientes do litoral ou as famílias que vinham diretamente da Itália passaram a estabelecer-se na nova colônia (BALHANA, 1958, p. 36).

OS CEM ANOS DA COLÔNIA

“Santa Felicidade faz a festa” (DIÁRIO DO PARANÁ, 1978). Este é o título de apenas um dos vários artigos de jornal que, em 1978, falam do centenário da colônia. Dando destaque à tradição italiana do bairro, as reportagens trazem em seus textos inúmeros elementos relativos à história da localidade – sua fundação e os primeiros anos, ainda no século XIX –, ao comércio de víveres no centro de Curitiba – ocupação tradicional dos primeiros colonos –, à gastronomia, entre outros aspectos. Também são valorizadas as comemorações da fundação do bairro, como procissões, mostra de fotografias, missas (GAZETA DO POVO, 1978). Além disso, destaca-se, em algumas delas, a importância da participação do poder público municipal no período que antecede as celebrações. E ele se dá de diversas maneiras.

Dentre estas obras iniciadas pela Prefeitura de Curitiba, podemos citar a restauração por parte do IPPUC, em 1978, de, em princípio, três edifícios representativos do bairro: a Casa dos Arcos, a Casa dos Gerânios e a Casa das Pinturas – as três localizadas na avenida Manoel Ribas, principal acesso ao bairro. Além deles, deveria acontecer a restauração de mais seis edifícios – contando com a Igreja de São José –, além da implementação de paisagismo e

passageiros da embarcação como os fundadores de Santa Felicidade – fato que, embora transmitido em diversas publicações, ainda deve ser analisado com mais atenção.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



construção de calçadas ao longo de determinados trechos da avenida principal (CORREIO DE NOTÍCIAS 1978).

Como percebemos através de uma breve análise midiática, já há, em 1976, o interesse na valorização de Santa Felicidade, como fica evidenciado pelo artigo que fala do plano de revitalização do IPPUC – que considerou a colônia como uma das últimas áreas da cidade próprias para a construção de residências de alto padrão. Dentre os planos para a região, figurava a revitalização da Avenida Manoel Ribas – pensada também para a segurança dos pedestres –, obras de cunho paisagístico, construção de uma nova ponte sobre o rio Barigui. Além disso, também delimitou-se a área central do bairro, que deveria preservar as características da antiga colônia, contando, inclusive com a regulamentação da publicidade, evitando, assim, a poluição visual (GAZETA DO POVO, 1976).

Comentando sobre essas intervenções da prefeitura de Curitiba na época do Centenário, Maranhão afirma que

Em 1978, Santa Felicidade já era um importante centro turístico e gastronômico. Com a aproximação do Centenário da Colônia, a Prefeitura Municipal de Curitiba começou a investir na divulgação da imagem italiana do bairro, mediante benfeitorias e obras de urbanização e incentivos fiscais para a conservação do patrimônio arquitetônico local. É deste período o Plano de Revitalização de Santa Felicidade elaborado pelo IPPUC e apresentado às lideranças da comunidade pouco antes do início das obras (MARANHÃO, 2014, p.195).

Para a autora, essa intervenção da prefeitura visava fins turísticos, evidenciados pela instalação de equipamentos urbanos e pela melhoria da paisagem da região. Ainda desta época, outra ação comentada por ela foi o concurso realizado pelo IPPUC e pela fundação cultural de Curitiba, o qual foi responsável pela criação de um monumento aos imigrantes. A obra realizada em 1978 é de autoria de Elvo Benito Damo (MARANHÃO, 2014). Percebemos que a intenção da estátua era a de representar uma família italiana. A mãe, grávida, de pé ao lado da filha mais velha e do filho menor. Um pouco mais distante o marido, que trabalha com uma bigorna, no centro da imagem. Por último, no lado oposto da mãe, vemos a “nonna”.

Sobre essa estrutura familiar, para Balhana, nos primeiros anos “predominava na Colônia a família extensa abrangendo três gerações, o pai e a mãe, os filhos solteiros e



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



casados, os netos e em alguns casos outros parentes ainda” (BALHANA, 1958, p. 139). Além disso, comenta a historiadora, tratava-se da família patriarcal. O homem – que aqui se encontra trabalhando no centro da imagem, flanqueado pelas mulheres – como o chefe da família, que era uma unidade tanto social quanto de trabalho (BALHANA, 1958, p. 139). É interessante notarmos também que essa representação de familiar está em consonância com os registros dos primeiros colonos – seja na lista de passageiros do navio Sully (ARQUIVO NACIONAL, 1878) quanto no livro de registro de imigrantes da Colônia Nova Itália (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ, 1878) – que evidenciavam a imigração de famílias inteiras, compostas geralmente por pai, mãe e filhos.

A estátua erguida em comemoração aos cem anos da colônia não é, contudo, o único monumento aos colonos italianos através de políticas públicas prefeitura de Curitiba. Avançando em nossa análise para os anos 1990 encontramos ainda um outro grande símbolo do bairro: o portal italiano.

SANTA FELICIDADE NOS ANOS 1990: O BAIRRO ITALIANO

Maranhão considera que houve dois momentos nos quais a Prefeitura de Curitiba teve participação ativa em Santa Felicidade. O primeiro, conforme já exploramos, foi o centenário da colônia, em 1978. Para a autora, contudo, o período de 1990 a 1993 – que compreende a celebração dos trezentos anos da cidade – foi também outro momento de promoção do bairro. Tais ações que ocorreram desde os anos 1970 são, em sua perspectiva, maneiras de retomar uma identidade italiana que vinha desaparecendo ao longo das décadas, desde a perseguição Varguista no período da Segunda Guerra Mundial (MARANHÃO, 2014, p. 190).

De acordo com ela, a nova valorização da italianidade de Santa Felicidade no início da década de 1990 – como a construção do portal étnico – não se trata de uma iniciativa isolada, mas sim é algo que faz

parte de um novo projeto de cidade, inserido em um contexto de relações interétnicas e valorização da diversidade cultural local. Durante o ritual de aniversário dos 300 anos da cidade, entendido enquanto um processo, o que se comemorou foi a construção de uma imagem de uma **Curitiba de Primeiro Mundo**, cidade **Cosmopolita** e **Multiétnica** (MARANHÃO, 2014, p. 196).



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Essa valorização de determinadas etnias, contribuindo em harmonia para a formação da cidade, alçou Santa Felicidade ao status oficial de bairro italiano de Curitiba. Assim, a antiga colônia foi a primeira das regiões a receber o seu portal – que também foi fruto de um concurso, realizado pelo IPPUC, Fundação Cultural de Curitiba e ACISF – Associação do Comércio de indústria de Santa Felicidade, junto ao Instituto de Arquitetos do Brasil IAB/PR. A construção, comenta Maranhão após entrevistar moradores do local, já era uma reivindicação dos moradores do bairro e foi financiada pelo banco Bamerindus (MARANHÃO, 2014, p. 197-199).

O design da construção, inaugurada em 27 de outubro de 1990, é também inspirado na arquitetura típica do próprio bairro. É composto por uma torre – que representa o campanário da Igreja de São José –, e dois arcos. O primeiro deles, ao lado da torre, representa a Casa dos Arcos, enquanto o segundo, na outra pista da avenida Manoel Ribas, é inspirado na Casa dos Gerânios (MARANHÃO, 2014, p. 197) – ambas unidades consideradas como Unidades de interesse de preservação pelo IPPUC e importantes marcos a paisagem da região.

De acordo com a placa de mármore junto ao monumento,

Este Portal de Santa Felicidade simboliza os eternos ritos de passagem da gente que hoje compõe Curitiba. Significa a entrada para “fazer a América”, no sonho dos *oriundi*. É o sinônimo de uma folha de serviços dos imigrantes, na luta pelo ideal de vida melhor. É marca do ir e vir dos carroções plenos de produtos da terra para venda no centro da cidade em volta do bebedouro do Largo da Ordem. É memória de uma saga iniciada em 1878. É *patrimônio da cidade* [grifo nosso] (PREFEITURA MUNICIPAL, 1990).

Percebemos, então, que também a construção do portal italiano explora a relação entre as políticas públicas de Curitiba no que tange o patrimônio e a própria historicidade do bairro de Santa Felicidade, explorada em diversos momentos e utilizada como inspiração para as obras. E ainda, lançando um olhar para os anos mais recentes, podemos encontrar mais uma destas obras comemorativas que mesclam a identidade do bairro com as políticas da capital: o mural da imigração italiana.

SANTA FELICIDADE EM SEUS 140 ANOS

O ano de 2018 foi o terceiro momento elencado por nós como exemplo de uma interação relevante entre a história de Santa Felicidade e o poder público municipal de



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Curitiba. Passados exatos quarenta anos desde as comemorações do centenário e dos investimentos públicos na colônia como um ponto turístico de relevância, voltamos a ver certo interesse por parte da capital do estado.

É mais um momento no qual diversos veículos de comunicação – sobretudo jornais – trazem à tona a história laudatória do bairro gastronômico, formado por imigrantes italianos recém-chegados da região do Vêneto, e que trouxeram consigo a tradição do trabalho e da boa mesa. As mesmas lembranças em relação à religiosidade italiana e as tradições – como as quatorze famílias fundadoras – ganham notoriedade novamente.

As celebrações, no geral, não diferem muito das que ocorreram quarenta anos antes. Missas – inclusive em língua veneta – shows, apresentações de grupos folclóricos, e barracas com comidas típicas enchem a Avenida Manoel Ribas no mês de novembro. Contudo, podemos citar uma diferença que se traduz na participação do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – em um Seminário de Patrimônio Cultural, que contou com palestras e passeio cultural pela região (IPHAN, 2020). Embora com a presença do órgão, o Seminário foi realizado pela ADPPCC – Associação dos Detentores Particulares do Patrimônio cultural em Curitiba, em parceria com a Prefeitura de Curitiba e com a Paróquia de São José e Santa Felicidade.

A celebração teve início no dia 23 de novembro, contanto com a participação do então prefeito de Curitiba, Rafael Greca, o qual entregou ao bairro um mural que alude à imigração, confeccionado pelo artista Ferge (BEM PARANÁ, 2018) nos muros que cercam um dos lados da Piazza San Marco. As imagens do mural representam diversos símbolos da antiga colônia, começando pela viagem de navio da Itália a Paranaguá – muito embora o vapor tenha aportado no Rio de Janeiro –, que é representada no primeiro quadro e sempre lembrada nas publicações. As imagens seguintes representam, em sequência: a colheita e a pisa da uva no tonel de madeira; o vinho pronto, acompanhado da polenta feita na chapa do fogão à lenha e do frango frito; um violino, uma alusão à música italiana; o paiol – local típico de guarda dos instrumentos de trabalho no campo; a carroça em direção ao centro com produtos para venda – em específico a imagem de Dona Hermínia, famosa na região; o portal de Santa Felicidade, que já exploramos no tópico anterior deste artigo; o pedestal encimado pelo Leão alado – que se encontra no bairro Mercês –, símbolo de Veneza; a Casa dos Gerânios, com sua roda d'água e moinho anexo; a Casa das Pinturas; a Casa dos Arcos; a igreja de Santa Felicidade



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



com a torre separada, em estilo típico italiano; o colégio Imaculada Conceição, primeira instituição de ensino do bairro; o Pantheon do Cemitério de Santa Felicidade com suas doze capelas tombadas pelo Iphan; o Bosque São Cristóvão, que conta com uma réplica da fachada da igreja e onde ocorre a festa da uva; e, por fim, a Casa Culpi – que funcionou como casa de cultura e museu, mas que se encontra desativada.

Essa coleção de imagens parece nos transmitir uma imagem cristalizada, ao procurar resumir todo o universo de Santa Felicidade, pois evoca a experiência da imigração, o trabalho, a tradição culinária, a religiosidade. Alguns dos locais retratados no mural são os edifícios com os quais já há uma preocupação em preservar e revitalizar desde os anos 1970, como a Casa dos Arcos e a Casa das Pinturas, que receberam especial atenção em 1978, conforme já comentamos anteriormente. Contudo, olhando para além dessa narrativa visual italiana, percebemos também elementos tipicamente paranaenses, como a araucária, a gralha azul e – mais obviamente – a própria bandeira do estado do Paraná. Entendemos isso como a representação de uma população italiana na terra que os acolheu, o estado – algo que faz sentido se pensarmos nas motivações da prefeitura de Curitiba, especialmente nos anos 1990, em apresentar as contribuições das diversas etnias para a construção da cidade (MARANHÃO, 2014, p. 196).

O PATRIMÔNIO, A MEMÓRIA E A IDENTIDADE DE SANTA FELICIDADE

Lowenthal afirma que “lembramo-nos das coisas, lemos ou ouvimos histórias e crônicas, e **vivemos entre relíquias de épocas anteriores** [grifo nosso]” (LOWENTHAL, 1998, p.64). Quando pensamos em Santa Felicidade, podemos observar que essas três maneiras de conhecer o passado encontram-se presentes: a memória genealógica, que é transmitida através das gerações, os relatos escritos sobre a colônia – que começam a resgatar a sua história já em 1908, com a publicação do Padre Martini –, e os diversos monumentos que aqui citamos, sejam eles construções originais ou mesmo obras edificadas com o intuito de homenagear a população, como tem sido nosso objetivo analisar ao longo das páginas deste artigo.

O autor ainda afirma que “damos muito valor a essas conexões com o passado mais abrangente. Satisfeitos de que nossas lembranças nos pertencem, buscamos também ligar nosso passado pessoal à memória coletiva e à história pública” (LOWENTHAL, 1998, p. 82).



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Em Santa Felicidade, atualmente, embora não haja mais italianos nascidos de fato na Itália e nem imigrantes europeus de primeira ou segunda geração, a população, como podemos observar por meio das memórias registradas e das festividades, procura inserir-se nessa memória coletiva.

Pensando nos monumentos, evocamos também as palavras de Catroga, para o qual “não há representação memorial sem traços” (CATROGA, 2001, p. 24). Contudo, ressalta ele, os monumentos em si não são suficientes para suscitar a memória. Eles precisam ser imbuídos de valor simbólico, havendo uma relação afetiva e partilhada com outros. Os três monumentos aqui trabalhados – a estátua em homenagem aos imigrantes, o portal italiano e o mural dos imigrantes – parecem representar bem essa assertiva, uma vez que evocam memórias quase que de cunho pessoal, escolhendo trazer elementos que estão relacionados com o emocional da população – a família, as antigas construções, a tradição culinária, a religiosidade. Eles ajudam a fornecer e, ao mesmo tempo, a cristalizar a identidade dos imigrantes e seus descendentes.

Essa relação entre as memórias e a história também é bastante complexa. Ainda para Catroga – e algo que fica bastante claro quando pensamos em nossos exemplos – a história possui características que são da memória, como “seleção, finalismo, presentismo, verossimilhança, representação” (CATROGA, 2001, p. 40). Afinal, nos três monumentos aqui explorados, há uma escolha deliberada dos elementos representativos de Santa Felicidade: determinada configuração familiar, certas unidades arquitetônicas de interesse. Assim, com relação à identidade, a memória, afirma o autor

também tem um papel pragmático e normativo. Em nome de uma história, ou de um **patrimônio comum** [grifo nosso] (espiritual e/ ou material), ela visa inserir os indivíduos em cadeias de filiação identitária, distinguindo-os e diferenciando-os em relação a outros, exigindo-lhes, em nome da identidade do eu – suposta como entidade onnipresente em todas as fases da vida –, ou da perenidade do grupo, deveres e lealdades endógenas (CATROGA, 2001, p. 26).

Ainda para Lowenthal, “relembrar o passado é crucial para nosso sentido de identidade: saber quem fomos confirma o que somos” (LOWENTHAL, 1998, p. 83). As comemorações da fundação de Santa Felicidade que tratamos aqui parecem ter este papel:



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



relembrar – e, em muitos casos, idealizar e romantizar – o passado para dar sentido ao presente. Neste ponto, temos ainda as ideias de Candau, quando o autor nos fala que

Podemos encontrar na imprensa ou ainda na literatura de valorização do patrimônio inúmeros exemplos desses enunciados evocando a “memória coletiva” de uma aldeia ou cidade, de uma região, de uma província etc., enunciados que geralmente acompanham a valorização de uma identidade local (CANDAU, 2019, p. 25).

Já fornecemos aqui exemplos de como, tanto a imprensa local e a literatura – representada pelos livros comemorativos –, servem ao papel de ressaltar essa memória coletiva de Santa Felicidade, valorizando as origens italianas de uma população, especialmente em épocas de festividades. Além disso, percebemos essa preocupação com o patrimônio do bairro partindo da iniciativa do poder público municipal já nos anos 1970, investindo em uma região turística.

Com relação à comemoração, devemos ressaltar que, conforme comenta Catroga,

Se a memória é instância construidora e solidificadora de identidades, a sua expressão colectiva também actua como instrumento e objeto de poder (es), quer mediante a seleção do que se recorda, quer do que, consciente ou inconscientemente, se silencia (CATROGA, 2001, p. 55).

Ainda para Candau, acaba-se inscrevendo “o acontecimento comemorativo no quadro dos jogos identitários aos quais devem fazer frente o grupo” (CANDAU, 2019, p. 145). Para ele, as celebrações servem ao intuito de criar consensos. Assim, as comemorações em Santa Felicidade operam seleções. Os mesmos elementos – conforme vimos expressos no mural de 2018 – são apresentados e repetidos, enquanto podemos perceber que não há, na narrativa, a presença de conflitos. Existe apenas a linearidade de uma história contada e recontada.

Candau nos fala ainda sobre os lugares de memória, que considera como tendo um grande peso identitário. Podemos considerá-los como “toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, da qual a vontade dos homens ou o trabalho do tempo fez um elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer” (CANDAU, 2019, p. 106). Ele nos fala de regiões, cidades, ou mesmo **bairros** de memória. Podemos entender Santa



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Felicidade como uma dessas regiões, na qual a multiplicidade do patrimônio – não só material – toma conta da espacialidade.

Por fim, retomando o que Lowenthal chama de relíquias, podemos nos ater mais aos monumentos. Eles são escolhidos pela história e pela memória, e possuem um caráter não renovável – o que justifica o interesse na preservação. Para o pesquisador,

Todas as relíquias (...) existem simultaneamente no passado e no presente. O que nos leva a identificar as coisas como antiquadas ou antigas varia de acordo com o meio ambiente e a história, com o indivíduo e a cultura, com a perspectiva e percepção históricas (LOWENTHAL, 1998, p. 154).

Essas relíquias, na perspectiva do autor, são estáticas e precisam se interpretação. E elas não necessitam de intermediários, estão ao nosso alcance (LOWENTHAL, 1998, p. 159) – um mero passeio por determinado trecho da avenida Manoel Ribas coloca o sujeito em contato com várias delas. Desta maneira, percebemos que o anacronismo é um dos fatores que torna os monumentos preservados em Santa Felicidade relevantes. As unidades de interesse histórico, cumprem esse papel de preservar o passado das culturas imigrantes na capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, ao longo deste texto, fornecer um panorama geral acerca das primeiras políticas de preservação e promoção do patrimônio, com o objetivo de relacionar essas ações do poder público com as medidas tomadas pela prefeitura da cidade de Curitiba no que tange o bairro de Santa Felicidade – antiga colônia italiana. Nossa análise foi, pragmaticamente, dividida em três momentos:

O foco do primeiro foi o ano de 1978, centenário de fundação da colônia. Próximas deste ano, identificamos inúmeras melhorias no bairro advindas do governo municipal, como ampliação de estradas, a restauração de edifícios históricos dirigida por órgãos oficiais, e o investimento na criação de uma estátua em homenagem aos imigrantes italianos, conforme elencamos nos parágrafos anteriores.

O segundo momento dessa intervenção localizamos no começo da década de 1990, quando das celebrações dos 300 anos da cidade de Curitiba. É dessa época o portal italiano de Santa Felicidade, também iniciativa na qual esteve envolvida a administração municipal. A



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



construção identificou a região como o bairro italiano da capital, em um contexto de Curitiba como cidade cosmopolita (MARANHÃO, 2014, p. 196)

O último momento ao qual lançamos um olhar foi o ano de 2018, quando da celebração dos 140 anos da fundação da colônia. Neste momento houve, novamente, a relação entre a população local e a administração municipal na organização das comemorações. É neste evento que é entregue ao bairro pela prefeitura o mural da imigração italiana que discutimos nas páginas anteriores, obra essa mais recente e que conta com vários elementos representativos de Santa Felicidade reunidos em uma imagem contínua.

A relação que identificamos nestes três momentos é a de valorização do bairro e de sua população, tradição e história, ao mesmo tempo que ela indica algo que podemos chamar, nas Palavras de Pollak, de um enquadramento da memória, no qual se produzem discursos e monumentos que valorizam determinados aspectos de um passado – o que ocorre, sempre, em detrimento de outros (POLLAK, 1989, p. 7). É assim que a memória de Santa Felicidade adquire espaço na história oficial de Curitiba.

É essa memória étnica, italiana, que vemos reforçada em cada um dos monumentos – sejam eles representando a família, as construções, ou as cenas do cotidiano. Ela fornece aos habitantes de Santa Felicidade que descendem dos antigos colonos um sentido de identidade, de continuidade com um passado que não vivenciaram. Os monumentos são apresentados à população para que essa possa interagir e se sentir representada por eles. E essas obras, assim como as comemorações, apresentam seleções, escolhas. É o passado italiano escolhido, do qual quer se lembrar – e o qual deve ser, em última instância, valorizado.

REFERÊNCIAS

ARQUIVO NACIONAL. Relações de Passageiros em vapores. **Vapor Sully** – Rio de Janeiro, 02 jan 1878. Disponível em: <http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?vCodReferenciaid=1017683>. Acesso em 3 set 2020.

ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. Divisão de documentação Permanente. **Livro 834** – Matrícula de imigrantes na Colônia Nova Itália.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



BALHANA, Altiva. Pillati. **Santa Felicidade**: um processo de assimilação. Curitiba: João Haupt & Cia, 1958.

BRAIDO, Pe. Jacir. Francisco. **O bairro que chegou num navio**. Curitiba: Lítero-Técnica, 1978.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. 1ª ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. 1ª ed. Coimbra: Quarteto editora, 2001.

CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO INICIA FESTEJOS. **Gazeta do Povo**. 18 nov 1978.

CIDADE DE CURITIBA – **PREFEITURA MUNICIPAL**. Disponível em: <<http://www.curitiba-parana.net/santa-felicidade.htm>>. Acesso em 01 set 2020.

FRANZINA, Emílio. **A Grande Emigração**: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil. Tradução BIONDI, L., TOLEDO, E. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado [tradução HADDAD, L, Malluf, M.]. In: **Proj. História São Paulo**, 17, nov. 1998. p. 64.

MARANHÃO, Maria Fernanda Campelo. **Santa Felicidade, o bairro italiano de Curitiba**: um estudo sobre restaurantes, rituais, e (re)construção de identidade étnica. Curitiba: SAMP, 2014.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**, vol. 2 nº 3. Rio de Janeiro: 1989, pp. 3.15.

Prefeito destaca tradições mais queridas nos 140 anos de Santa Felicidade. **Bem Paraná**. Curitiba, 24 de nov. de 2018. Disponível em: <<https://www.bemparana.com.br/noticia/prefeito-destaca-tradicoes-mais-queridas-nos-140-anos-de-santa-felicidade#.X1ji-nlKg2x>>. Acesso em 01 de set. 2020.

SANTA FELICIDADE FAZ A FESTA. **Diário do Paraná**. 20 jan 1978.

Seminário de Patrimônio Cultural – 140 anos da imigração italiana em Santa Felicidade. **IPHAN**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/agendaEventos/detalhes/728/seminario-de-patrimonio-cultural-140-anos-da-imigracao-italiana-em-santa-felicidade>>. Acesso em 4 set 2020.